346

DESCRIPÇÃO

DO

PALACIO REAL

NA

VILLA DE CINTRA, QUE ALI TEEM

OS S.ES REIS DE PORTUGAL.

PELO ABBADE

A. D. de Castro e Souza.

1838.

LISBOA: Typographia de A. S. Coelho.

Rua do Outeiro ao Loreto, N.º 4=1.º andar.

Digitized by the Internet Archive
in 2016

https://archive.org/details/descripcaodopala00cast

DESCRIPÇÃO

DO

PALACIO REAL

NA

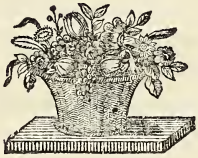
VILLA DE CINTRA, QUE ALI TEEM

OS S.ES REIS DE PORTUGAL.

PELO ABBADE

A. D. de Castro e Souza.

Esta Nação Portugueza
O nada estrangeiro estima,
O muito dos seus despresa.
Simão Machado, comedias da Pastora Alfea, pag. 72.



1838.

LISBOA: Typographia de A. S. Coelho.

Rua do Outeiro ao Loreto, N.° 4 = 1.° andar.

PREFAÇÃO.

Nunca foi nossa tenção mandarmos á estampa este nosso trabalho, se nos não instassem, para assim o fazermos, algumas pessoas amadoras de antiguidades. Sómente o ordenámos para nossa particular curiosidade. Porque o motivo, que nos excitou a intentar esta Descripção, foi havermos lido, (para darmos desafogo ao nosso espirito) em verso latino, uma elegante descripção da Villa de Cintra e do Palacio, da celebradissima, erudita, e nobre Dama Toledana Luiza Sigéa, a qual fôra Mestra da Senhora Infanta D. Maria, filha d'ElRei D. Manoel, que a dedicou ao Papa Paulo 3.º no anno de 1546; assim como a de Francisco de Almeida Jordão, impressa na Officina de Francisco Luiz Ameno. Lisboa 1748; e as de Antonio Coelho Gasco, D. Francisco Manoel de Mello, Luiz Pereira, Abbade Casti, Ricardo Raimundo Nogueira, Sebastião Xavier Botelho, Visconde de Balsemão, e outros.

Bem sabemos, que aqui repetimos o que outros já escrevêrão, e todavia com penna mais apparada, e com engenho mais purificado, qual o nosso não é. Boa satisfação para nossa desculpa; mas mui desconsolada para nosso desejo. E desta tambem se valeu, ha mais de mil annos, um celebre poeta comico, *Terent. Eunuch. Prolog.*, que pedio desculpa ao theatro romano de lhe representar o que já tinha ouvido, e allegava em seu abono, que o mesmo havião já feito os velhos, e o mesmo fazião os modernos.

Se todavia esta nossa pequena composição mere-

cer a attenção de nossos leitores, nella verão, de quanta curiosidade são as notas, que lhe ajuntamos.

Fechamos esta Prefação com as palavras dos eruditos, D. Joseph Barboza: » que era melhor compôr, que criticar »; e D. Francisco Manoel de Mello: (que estando preso na Torre velha, da outra parte do Tejo, defronte de Belem, pelo espaço de 9 annos, compôz 59 livros estimados, além de outros) » como as obrigações da patria (diz elle) são tão grandes, parece que toda a vida estamos obrigados a lh'as reconhecer, cada um como fôr possibil. »

N. B. Talvez fosse escusada a advertencia do motivo, porque não marcámos o nome de Luiz de Camões, (Principe dos Poetas de seu tempo, que viveu pobre e miseravelmente, e assim morreu no de 1579, *com* 55 *annos de idade) quando seus versos são citados; por quanto elles são immediatamente conhecidos. Bem certos estamos, que se elle vivesse nos tempos em que o Marquez de Pombal dirigio o Governo portuguez, póde, sem risco, asseverar-se, que o Homero da Lusitania não exhalaria os seus ultimos suspiros sobre um leito de palhas, e sem outros dedos, que fechassem as suas palpebras, que os do fiel Antonio, que de Java o tinha acompanhado a Portugal, para ser testemunha de tanta indifferença, e despreso pelo maior ornamento com que a creação dotára a —*

Occidental praia Lusitana.

AO EX.mo CONDE DE MELLO

POR TRIBUTO DE VENERAÇÃO, E AMIZADE

O. D. C.

O Auctor.

Oh! nobres paços da risonha Cintra,
Não sôbre a roca erguidos, mas poisados
Na planicie tranquilla, — que memorias
Não estais recordando saudosas
Dos bons tempos de Lysia! — Sanctas eras!
Se podesseis voltar, ditosos dias!

GARRET. CAM. CANT. 7.º

DESCRIPÇÃO

DO

PALACIO REAL

NA

VILLA DE CINTRA, QUE ALI TEEM

OS S.ES REIS DE PORTUGAL.

Se nas vastas e desertas campinas de Portugal se observa a cada passo o genio do homem, a natureza reassume todo o seu imperio no meio das altas montanhas, sobre as quaes soberba, e magestosa se eleva a nobre Villa de Cintra, (1) quatro legoas ao Poente de Lisboa, e tres ao Sul da Villa da Ericeira; cercada toda de muitas quintas com suas casas nobres, amenissimos bosques de castanheiros, aveleiras, e medronheiros, regados de varias fontes, e de regatos de agua clara excellente, e fria, aonde a frescura dos arvoredos, a clareza das suas fontes, a suavidade das fructas, a commodidade da caça, e a salubridade do ar, é mais do que se póde imaginar. Não crêmos que nunca algum Poeta fabulosamente fingisse em Paphos logar mais deleitoso, que o de Cintra; porque tudo aqui recreia, conforta, e aviventa pela pureza do clima.

Desde o anno de 1147 em que ElRei D. Affonso Henriques reedificou de novo esta Villa até á mor-

te d'ElRei D. Diniz, *o Pai dos Lavradores, o Protector das Sciencias, e do Commercio*, (costumava fechar as inscripções, que mandou abrir nas obras publicas do seu reinado, com a seguinte sentença —

Quem dinheiro tiver,
Fará o que quizer.

Outros forão nua só cousa excellentes,
Este com todas nobreceo seu Estado;
Regeo, edificou, lavrou, venceo,
Honrou as Musas, poetou, e leo.
Ferreir. Poem. Lusit. fol. 20. ℣.)

descuidárão-se de Cintra os Monarchas Portuguezes; mas seu filho ElRei D. Affonso 4.º, *o Bravo* (era naturalmente affecto a Poesia: compoz varios versos, que não deixavão de ser elegantes em idade tão inculta para as Musas) na força de seus verdes annos era mui inclinado ao exercicio da caça (diz Aristoteles Liv. 1.º que a arte de caçar é parte da militar, e por esta razão é tão continuada dos Principes, porque a elles só pertence, mais que a nenhum outro homem, a doutrina militar; e que os filhos dos Reis no principio são creados na Sciencia da Cavallaria, e guerra.

Uma das cousas, porque a caça mais se estima, é por ser um exercicio bellicoso; porque nella se exercita o corpo, e com o exercicio se faz robusto, e soffredor de trabalhos; e na caça se apprende a conhecer os sitios da terra); porém as pessoas da sua confiança ainda lha inculcavão mais, de sorte que passava o seu tempo nas matas dos arredores de Cintra, e pernoitava no antigo alcaçar, aonde em tempo dos Mouros residia o Governador do Castello, (do qual ElRei D. Affonso Henriques observava Lisboa em poder dos Mouros; e d'ali mesmo foi que elle avistou

a grande armada de 180 velas, entrando pela foz do Tejo na Vigilia dos Apostolos S. Pedro, e S. Paulo, em que vinhão os nobres Cruzados para a conquista da Terra Santa, a qual, compellida de uma furiosa tempestade, chegava a demandar o abrigo das nossas Costas; e estes, com as propostas que lhes fez D. Affonso Henriques, ajudárão a cercar, e conquistar o que hoje é capital do nosso Reino; e dentro deste Castello se encontrão os fragmentos d'uma Mesquita, onde ainda se póde vêr uma pequêna tenda de campo, ornada de estrellas pintadas em fundo azul, e alguns caracteres arabes, respeitados pelo tempo, que tudo reduz a pó, que o vento leva. A sala, que se suppõe ter sido de banhos, é sem duvida um dos mais bellos monumentos da antiguidade; tem 50 pés de comprido, e 17 de largo. Seus muros são de cantaria, ornados de cada lado por tres columnas terminando em arco, que sustenta a abobada, coberta de plantas musgosas, que crescem nas fisgas do antigo cimento, e ali se observa a agua conservar a mesma altura de verão e de inverno. Corre por veridico, que aqui foi o logar onde viveo, nos principios de seculo XVI por algum tempo, o celebre Bernardim Ribeiro, saudoso e namorado, e auctor da *Menina e Moça.*

Triste de mim, que será?
O' coitado que farei,
Que não sei onde me vá.
Com quem me consolarei?
Ou quem me consolará?
Bernardim Ribeiro. Egloga. 3.ª)

esquecido dos negocios, os quaes, ou estavão parados, ou erão despachados por quem afastava o Soberano, e o entretinha na ignorancia d'elles; o que deo motivo a ser zelosamente advertido (2).

No anno de 1383 succedeo a morte

Do . . . . . brando
Remisso, e sem cuidado algum, Fernando

a 22 de Outubro; tendo nascido em Lisboa a 15 de Abril do anno de 1358, D. João, filho natural d'El-Rei D. Pedro 1.º, o *Cru*, ou *Justiceiro*, havido em Thereza Lourenço, com quem, depois da morte da infeliz Rainha D. Ignez de Castro, teve ElRei trato: nasceo mui remoto da successão da Corôa; mas os successos daquelle tempo dispuzerão as cousas tanto a seu favor, que da curta esféra e fortuna de Mestre de Aviz passou ditozamente á suprema dignidade, sendo acclamado a 6 de Abril de 1385 Rei de Portugal; que foi o 1.º do nome, X na serie de nossos reis, e 6.º do Algarve.

Chegamos ao logar de averiguar quando este Palacio Real foi edificado, ou antes reedificado, como ponto que em todos de consideração é o primeiro que se busca. Escriptura, ou cippo onde o possamos achar, não ha nenhum. Assim é necessario buscarmo-lo por lanços de conveniencias, e boas conjeituras. Em todos os Escriptores da vida d'El-Rei D. João 1.º achamos, sem discrepar nenhum, que foi elle quem o reedificou; porém sem fazerem menção do anno. Podemos crer succedeo por fim do anno de 1415, quando voltou da conquista da famosa Praça, e Cidade de Ceuta, (3) uma das mais antigas de toda a Africa. Desde os seus principios foi celebre pela fortaleza do sitio, e opulencia do commercio. Foi cabeça da Mauritania em tempo dos Romanos. Depois na declinação destes, a dominárão os Godos; e na destruição de Hespanha em tempo d'ElRei D. Rodrigo, ficárão os Mouros senhores della; até que sobre mais

de 700 annos de posse, lh'a arrancou das mãos ElRei D. João 1.º, a 21 de Agosto do anno de 1415, em que ao parecer não cabe duvida, afim de deixar á posteridade um Monumento, que comprovasse as felizes emprezas dos Portuguezes.

De Ceita toma, e o torpe Mahometa
Deita fóra; e segura toda Hespanha
Da Juliana, má, e desleal manha.

Triumfante como outro Scipião da guerra de Africa, e recolhido ao Reino para descançar entre applausos, e acclamações da Europa, podendo-se chamar antes fundador, que defensor de seu Reino, foi então que lhe coube dar o devido valor ás bellezas de Cintra; no que o souberão imitar ElRei D. Manoel, o *Affortunado*, e depois ElRei D. Sebastião, o *Obedientissimo*. Mandou logo reedificar, sobre os antigos alicerces d'aquelle mesmo alcaçar, um grandioso Palacio, fabricado ao gosto d'aquelles tempos. Edificio magestozo para o tempo presente, quanto mais para o antigo, que bem olhado por toda a parte, e considerado o pouco que então era Portugal, está testemunhando em seu reedificador um espirito verdadeiramente grande. Em verdade é um primor da arte na Ordem de Architectura Arabe, ou antes Mourisca (4). ElRei D. Manoel o accrescentou, quando o reedificou em parte, pelos annos de 1507 até 1519, guardando sempre a mesma ordem de architectura.

Todo elle é construido de boa cantaria, e de uma solidez, e firmeza que parece affrontar os seculos. As suas fachadas, columnas, arcos, capiteis, e bases, são guarnecidos de um numero immenso de engraçados ornatos, esculpturas, e baixos relevos; a cada passo está sobresahindo a elegancia, a graça, a fantasia, e delicadeza do antigo cinsel Oriental. Architectura sublime e magestoza, collossal, não monotona e

compassada, mas rica de variedade; não silenciosa e muda, mas animada e viva, fazendo fallar as pedras, que os nossos antepassados souberão tão felizmente imitar, e conservar até ao glorioso reinado d'ElRei D. Manoel.

Este Regio Edificio domina a Villa, e sobresai a todos os outros. Quando é visto de fóra, convida a attenção, e logo a curiosidade do viajante, pela irregularidade de sua prespectiva, e de suas elevadas chaminés, de uma fórma conica. Quando observado é interiormente, reclama a profunda contemplação do homem politico, que ahi póde considerar, entre outras cousas, a simplicidade e pouco apparato que havia nos tempos antigos, ainda quando se tratavão os negocios mais graves do Estado; e ao mesmo tempo os males que causão a ambição de governar, e os excessos dos Principes.

Eleva-se em um espaçoso pateo, ao qual os povos comarcãos de longe accudião aos torneios, aos jogos de cannas, e corridas de ferozes touros, onde os nossos antigos cavalleiros hião ostentar a sua galhardia,

Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.

com a frontaria para o sul, e composto de seis membros, diversos uns dos outros no tamanho, na altura, e no feitio; mas cada um delles sobre si, com harmonia de frontespicio, nos differentes ornatos de que se compõe a architectura arabe, ou mourisca: contendo ao todo quarenta janellas em frente, distribuidas em duas ordens fóra de symetria, como é belleza n'esta ordem de architectura. No centro do edificio, na parte externa, está uma varanda estendida ao longo, cercada de balaustres de marmore branco, para a qual se sobe por treze degráos de igual cantaria, e no meio da referida varanda ergue-se uma perenne fonte com quatro bicas desaguando (5) de uma

concha circular dentro de um tanque lavrado, e deixando-o cheio, sóme-se n'elle, e vai ao lago do pateo. Entra-se a porta principal do Palacio por quatro arcos com uma abobada muito elevada, formando um espaçoso circuito; e por uma escada lateral, de 26 degráos, sobe-se a um corredor, e d'elle, por outra de caracol, mui suave, e bem lançada, se vai ter a um vestibulo, aonde, em uma concha de marmore, despeja uma copiosa fonte de aguas clarissimas e saborozas: é esta a caza, a que chamão da Guarda dos Archeiros (6).

A' direita ficão em correnteza alguns aposentos regulares, fronteiros á Serra pelo nascente, e descobrindo ao norte as Villas de Mafra, Ericeira, e muitas outras aldêas e casaes.

No centro, e no mesmo pavimento, está situada a cozinha, que é uma casa de fórma de um parallelogramo, dividido por um arco em dois quadrados com 36 palmos de cada lado, toda ella de abobada, com cinco janellas rasgadas, que a aclareão até acabar o crepusculo. Com este arco péga um tanque de marmore, em que vasa uma copiosa fonte, e da mesma especie ha duas bancas, uma em cada um dos quadrados em que a casa está dividida. O tecto é obra n'este genero que não tem igual; e não ha estudo, nem arte que a possa exceder, nem talvez imitar. E' uma abobada formada de duas chaminés de figura conica, uma de cada lado do arco, abragendo com as duas bocas a casa toda, em sua largura, e comprimento: tem de altura 200 palmos, e o interior d'ellas está cortado de seteiras abertas com tal artificio, que aclareando o interior do tecto, e dando inteira sahida ao fumo em todas as direcções, nunca as chuvas o penetrão.

A' esquerda topa-se a grande sala chamada dos Infantes, com cinco janellas bipartidas por columnas centraes, cada uma de diverso lavor, olhando ao nas-

cente, fazendo-lhe rosto o castello dos Mouros, e toda a povoação; a parede fronteira é rota por tres janellas, uma porta, e uma chaminé em perfeita symetria.

As tres janellas dão sobre um estendido lago, e a porta diz para um terraço, cujo pavimento é de pedras pretas e brancas, distribuidas em extravagante xadrez; e no centro erguem-se tres columnas torcidas e abraçadas entre si, sustentando o escudo das Armas Portuguezas. Neste mesmo terraço, defronte do lago, ha uma casa quadrada, toda revestida de azulejos, a que chamão de lavor, ou banho, a qual tem sua jocosidade, que por crivos miudos despede em todas as direcções uma chuva copiosa, que faz recordar: Qual matutino orvalho.

Nas fontes, vão fugindo ao doce laço,
Onde amor as enreda brandamente,
Nas aguas accendendo fogo ardente.

Continuando com a referida sala, é ella de elevadissimo pé direito; as paredes até quasi á altura das portas, e das janellas, são forradas de azulejos brancos, e verdes, semelhante á mais fina porcelana da India. O tecto é dividido em 27 paineis octogonos com molduras douradas com varios remates, e ornatos arabescos, e em cada um delles está pintado um Cisne com seu gorjál, e campainhas ao pescoço.

Da origem porque estão pintados nos 27 paineis os Cisnes, a tradição é a seguinte:

Pelos annos de 1429, estando ElRei D. João 1.º nestes Paços de Cintra, vierão a Portugal por Embaixadores de Filippe 2.º, o *Bom*, Duque de Borgonha, Conde de Flandes, e de Hanau, D. João, Senhor de Roubaix, e de Herzelles, D. Balduino de Lanoy, Senhor de Moulambais, e Governador de Lila, André de Thoulongeon, seu Camarista, Senhor de Mor-

nay, Mestre Gil de Escornay, Doutor em Direito Canonico, Preposito de Harlebeque, todos do seu Conselho, e o Mestre João Hibert, por Secretario desta Embaixada, pedir a ElRei sua filha, a Infanta D. Isabel, que era dotada de grande formosura, discrição, e virtude para Espoza de seu Soberano; e por esta occasião lhe trouxerão da parte delle alguns prezentes, (costume usado nestes casos) entre os quaes um casal de Cisnes mais brancos que arminhos, e tão domesticos, que a Infanta, que veio a casar com Filippe 2.º (em cujas bodas embebido no prazer de possuir tão gentil Princeza, que tanto lhe soube captivar o coração, e como enfeitiçado com os attractivos de tão bella espoza, a quem consagrou um amor romantico, que durou toda sua vida; entre as magnificas solemnidades com que celebrou os seus desposorios com esta Princeza, instituio a Ordem, e Cavallaria do Tusão de Ouro, a maior de todas, no anno de 1429 na Cidade de Bruges) logo lhes fez uns gorjaes de veludo carmesim com campainhas. Vendo ElRei seu Augusto Pai o grande apreço que d'elles fazia a Infanta, mandou logo construir um pequeno tanque, para n'elle os verem banhar-se, no pavimento da primeira janella da sala, que diz para o terraço, onde está o lago, que ainda hoje alli se conserva; e quando sua filha, a Infanta D Isabel, partio para os seus Estados de Flandes no anno de 1430, os fez imitar bem ao natural no tecto da sala, pelo seu pintor Alvaro de Pedro, nos 27 paineis; tendo já passado 408 annos, que alli estão, não os tem apagado o decurso do tempo; e as côres, e o dourado tão vivo como se fosse pintura acabada de fazer; afim de deixar á posteridade lembrança de sua filha, a Infanta D. Isabel, Condessa de Flandes, e Duqueza de Borgonha; assim como de D. Carlos, Duque de Brabante, que havia instituido a Ordem militar do Cisne; porque nella se obrigavão os Cavalleiros, por juramen-

to, a trabalhar com os maiores esforços no augmento da Religião Catholica, (de que ElRei D. João 1.º foi muito zeloso) e em pacificar os Senhores, que por motivos particulares perturbavão o socego commum; razão porque os Principes da Casa de Cleves havião tomado o Cisne por timbre das suas armas, para honrar a memoria destes Cavalleiros: sendo a mente d'El-Rei D. João 1.º deixar nesta memoria tambem motivo, pelo qual excitasse os Portuguezes a pugnar pela fé de Christo, com distincto valor. (7)

Este é o primeiro Rei que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas, quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

Entra-se n'esta Sala por um dos topos, e por uma larga porta, que abrange quasi toda a parede; e no topo fronteiro ha outra porta, bipartida por tres columnas de marmore branco, com delicados capiteis, pela qual se entra para um Gabinete de pouca luz, repartido na terça parte por duas columnas de marmore branco, formando um separado recinto: no tecto está pintada uma esféra; ao comprido da parede estende-se um banco forrado de azulejo, e no topo uma cadeira de espaldar, semelhando na composição e na materia: o pavimento é de ladrilhos, e marmores imbutidos. E' este gabinete chamado do Conselho de Estado. (8)

Ha tradição, de que neste recinto se discutião os assumptos mais graves da Monarchia, quando nossos antigos Reis estanciavão n'estes Paços reaes; e que fôra ahi que ElRei D. Sebastião, atropelando os prudentes conselhos dos amigos da patria, e da monarchia, que o dissuadião da empreza da Africa, resolvêra definitivamente aquella tão incauta, e desditosa jornada, (9) victima de sua audacia, e imprudencia.

. . . . . O virtuoso Aleixo
Tam livre sustentou, tam nobre, e firme
Seu parecer contra a jornada infausta,
Que irado Sebastião de si o aparta.
Garret. Cam. Cant. 10.)

Da Sala dos Infantes passa-se para outra, aonde se fazião as audiencias, todas as vezes que nossos antigos Reis vinhão residir n'estes paços de Cintra; a qual tem tres janellas muito espaçosas, cahindo, uma para o terraço, outra para a villa, avistando-se da terceira grande parte da Serra, os bosques de Penha verde tão celebres, e respeitaveis pela memoria de D. João de Castro, seu fundador, logar aprazivel, e o Palacio de Setiaes, celebre pela famosa Convenção ali assignada pelos Duques de Abrantes, e Sir Arthur Wellesley, e lá ao longe o mar oceano.

Em cada um dos angulos da parede principal da sala ha uma porta, figurando um arco ponteagudo, e no centro um espaldar de fino azulejo, aonde se collocava o docel.

O tecto desta sala é dividido em cinco paineis, repartidos em 136 triangulos, e em cada um delles pintada uma Pêga, segurando uma rosa, tendo no bico uma tarja, que diz — *Por bem* —

Cuja origem a tradição dá a seguinte anecdota. Sendo encontrado ElRei D. João 1.° por sua espoza a Rainha D. Filippa, *Ingleza*, beijando, e juntamente offerecendo uma rosa (10) a uma de suas Damas, porque o fazia por sincera amizade, e não por criminoso amor, respondeo á Rainha agastada, que tinha sido *por bem*: mandou logo pintar no tecto desta sala, onde foi encontrado, no logar do retabulo, as 136 pêgas, para que esta ave, como falladora, apregoasse a sua innocencia, e a pureza injustamente maculada d'aquella Dama.

Em quanto esta legenda, *por bem*, era o mote, ou

tenção d'ElRei, assim, *Il me plait*, era o da rainha D. Filippa, sua mulher; costume usado antigamente pelos nossos Principes, de juntarem estas tenções ou motes ás suas Armas: como se pode vêr nos dois moimentos, que ElRei D. João 1.º fez para si, e para a rainha sua espoza, tão juntos que parecem um só, onde jazem na capella particular do real Convento de Nossa Senhora da Victoria, no logar da Batalha.

Seguindo d'esta sala pela porta que fica ao poente, ha contigua uma outra, cujas paredes são até ao meio forradas de azulejos, imitando folhas de parra em alto-relêvo tanto ao natural, que parecem verdadeiras. Esta sala é de tres janellas, e uma porta em frente, que dirige a dois camarins, no primeiro dos quaes ha uma grandiosa chaminé, (11) de marmore finissimo, atirando para alabastro, com figuras, em relêvo, obra completa no seu genero: é do feitio de um mausoleo, que remata com um vaso, sobre uma urna sepulchral, em que está gravada uma cabeça infantil com duas azas. Descança a urna em um baixo-relêvo com dois guerreiros em trajo Romano, jogando as lanças a cavallo, e varios trofeos enramados com uma grinalda de flores. Assenta o baixo-relêvo em uma riquissima architrave, suspendida por dois bustos á maneira de arabescos, e que ladeão o lar da chaminé. E quem deixará de n'ella reconhecer o estilo sublime, e engenhoso de Miguel Angelo Buonarotti.?

O segundo camarim encaminha para a casa de jantar. Esta sala tem uma janella que deita para o occidente, e duas portas, uma para um cubiculo interior, e a outra que por uma escada de doze degráos conduz á mencionada casa de jantar, a qual é quadrada, com uma concha de marmore no centro, donde sobe a agua em grande elevação, sem mais cousa que a faça notavel.

No mesmo pavimento, da parte occidental, ha um terraço com dois lanços de escadas, por onde se vai dar

a um jardim, a que chamão de *Lindaraya*, distribuido em quatro taboleiros, com um lago no centro, e da parte opposta fica uma sala, a que tambem chamão das duas irmãs, cortada em tres naves, formadas por oito arcos differenciando uns dos outros no desenho, sem com tudo se afastarem da mesma ordem de architectura.

Nesta sala foi aonde nasceo ElRei D. Affonso 5.°, o *Africano*, a 15 de Janeiro de 1432, e nella morreo a 28 de Agosto de 1481, com 49 annos, e 7 mezes de idade, e quasi 43 de Reinado. (Como tinha passado a maior parte da sua vida na campanha, escreveo: *Tratado da Milicia conforme o costume de batalhar dos antigos Portuguezes*; assim como para mostrar quanto era sciente na Mathematica, tambem escreveo: *Discurso em que se mostra, que a constellação chamada Cão celeste constava de vinte e nove estrellas, e a maior de duas. E o Regimento para os Officiaes, e Officios de guerra da Casa Real.* Entre as muitas virtudes que adornárão este Rei, se conta a protecção que deo ás letras, e aos sabios, no numero dos quaes com justiça deve ser contado, sendo elle o primeiro Monarcha portuguez, que fez construir uma bibliotheca no seu palacio, ensinando os Reis com este exemplo, quanto devem concorrer para o progresso das letras. Deo o primeiro codigo de leis, em que fez trabalhar os mais insignes jurisconsultos, que tinhão hido estudar com o egregio Doutor Bartholo, que era a admiração daquella idade.) Jaz no Real Convento de Nossa Senhora da Victoria, no logar da Batalha.

No fim desta sala, por uma escada espiral, chega-se á casa chamada das Armas, ou dos Cervos. Esta sala occupa o mais alto do edificio; foi mandada fazer, e pintar por ElRei D. Manoel. (Na qual, no reinado d'ElRei D. Pedro 2.° forão as armas reformadas, e postas na primeira forma, que naquelle tempo tiverão). E' um quadrado per-

feito com sete janellas rasgadas, duas para o norte, duas para o poente, duas para o sul, e uma para o oriente. O pavimento é de ladrilho tão lizo e compacto, como se fôra de marmore; as paredes são forradas de azulejos representando varios exercicios gymnasticos. O tecto é de figura octogona, e mui levantado; os quatro angulos, que assentão nas paredes, são cortados por meias abobadas, aonde reluzem delicadissimos desenhos, (feitos pelos insignes pintores, Duarte d'Armas, Francisco Dansilha, e Jorge Affonso, na sua primitiva, e depois retocados por Bento Coelho da Silveira) e faxas de ouro em campo azul: o centro do tecto é fechado pelo escudo, e quinas reaes, em relêvo; depois estão oito paineis com o mesmo escudo e timbre, e encostado nelle o banco de pinchar; (12) e escriptos n'elles os seguintes nomes: D. João, D. Henrique, D. Isabel, D. Beatriz, D. Affonso, D. Luiz, D. Fernando, D. Duarte, que erão os Infantes filhos d'ElRei D. Manoel, que existião ao tempo em que esta sala foi edificada. Por baixo d'estes oito paineis circulão outros oito de maior grandeza, e da mesma feição, e em cada um d'elles um Veado com uma faxa ondeando entre os esgalhos. A estes quadros seguem-se, na parte inferior, mais 74, distribuidos em duas ordens, com os escudos, timbres, orlas, e divisas das armas (13) das casas nobres de Portugal, que andavão na Corte, e serviço do paço d'ElRei D. Manoel; rematando todo o tecto com uma cimalha, que o circumda, e dentro d'ella, nos quatro lados das paredes da sala, em caracteres de ouro, a seguinte legenda:

Pois com esforços, Leaes
Serviços forão ganhados,
Com estes, e outros taes
Devem de ser conservados.

ElRei D. José 1.º, vendo que a familia dos Tavoras não conservava, antes deslustrava os serviços leaes de seus maiores, confirmando a sentença de morte do marquez de Tavora pai, e sua mulher, do marquez de Tavora filho, e irmão deste, José Maria de Tavora, pelos motivos da funestissima noite de 3 de Setembro de 1758, mandou, por um Decreto, apagar as armas daquelle appellido, para nunca mais se usar: como ainda se conhece n'esta sala, que faz lembrar a Galeria dos Doges de Veneza, onde se vê de menos o retrato de Marino Faliero, que fôra degollado na escada, chamada dos gigantes, do seu palacio.

Sahindo a Sala das Armas, pelo lado do norte, encontra-se uma pequena casa quadrada com uma janella, que deita para um estreitissimo terraço, e para o mais sêcco, e escabroso da Serra; o pavimento é de mosaico, feito de ladrilhos de diversas côres, e desenhos. E' esta casa para onde foi viver ElRei D. Affonso 6.º, quando chegou do Castello Real de S. Filippe na Ilha Angra, no anno de 1674 (14). Tem tres portas, uma que dá entrada para a mesma, outra para um cubiculo, em que ficava Antonio Rebello da Fonseca (15), o qual sempre ahi o accompanhou (até á morte), e a terceira é da Tribuna. Todo o ladrilho se vê ainda hoje gasto, onde triste e silencioso D. Affonso 6.º passeava, em direitura á janella, afim de vêr o Conde de Castello Melhor, e ao seu antigo amigo Antonio de Souza Macedo, que fôra seu Secretario d'Estado (16); além disso, sonhando ainda n'esse Sceptro, que uma abdicação forçada lhe arrancára das mãos: o que são as grandezas do mundo! Nesta pequena e mesquinha habitação, onde por espaço de alguns annos viveo recluso, terminou a vida,

(17) para subir ao Throno seu Irmão D. Pedro 2.°, podendo dizer-lhe:

Eu fui Rei, e fui marido;
Sem Reino, sem mulher, sem liberdade
Tanto importa não ser, como haver sido:
A Portugal só deixo esta verdade;
A meu Irmão só deixo este monumento;
Este é de Affonso VI o Testamento.

Desta casa se desce para a Capella do Paço, dedicada ao Espirito Santo, que não corresponde á grandeza do edificio, mas que é da mesma antiguidade, como se observa pelo feitio do tecto, de madeira, composto de molduras cruzadas em xadrez, recamado de estrellas douradas, conforme o gosto daquella epocha.

A Capella mór, do lado da Epistola, tem uma tribuna, e no arco desta capella, da parte de fóra, estão exaradas, em circulo, estas bem conhecidas palavras da antifona, em letras de ouro: *O' vos omnes qui transitis per viam, attendite, et videte*; e no cruzeiro dois altares, e no fim tribunas. O pavimento é de ladrilho, e a porta deita para um grande terraço, a que chamão *Meca*, que fica para o meio dia. A vista que se descobre deste ponto é por ventura maravilhosa. A' feição de um panorama de que metade estaria coberta por um lençol de folhagem, póde o espectador gozar um grande quadro em semicirculo, representando a meia face do horisonte, que lhe fica para o norte. Ao longe divisa-se o Oceano em toda a sua magestade, e mais perto uma grande extenção de terreno, pela maior parte cultivado, e cheio de pequenas povoações, que lhe dão vida.

Um pouco para o nordeste se eleva em suas dimensões colossaes o grande Convento, e Palacio Real de Mafra, que dista d'ahi tres legoas. Maravilha d'arte, e

monumento duradouro, que ao Todo Poderoso elevou a piedade d'ElRei D. João 5.º, no 18.º seculo.

E dando fim á Descripção do Palacio Real na Villa de Cintra, accrescentaremos, que muitos nacionaes e extrangeiros concorrem ahi, afim de o observarem pelo seu irregular artefacto, e gosto da architectura, puramente arabica, ou mourisca, que muito occupa a sua attenção; e porque, além de ser o ornamento, e explendor da nobre Villa, a igual passo não deixa de constituir um dos monumentos mais caracteristicos da idade, chamada Varonil; assim como traz á lembrança paginas da Chronica Portugueza, retrato mudo, sim, mas animado, em que vivos os veem seus successores: como tambem porque no marmore, cédro, ou bronze duro vivifica os dois Heroes, a quem, por suas altas e singulares partes, generosas e exclarecidas acções, chamárão

Dom João 1.º de *boa memória*
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Dom Manoel, o *Affortunado.*
Chamando-te Senhor, com larga copia,
Da India, Persia, Arabia, e da Ethiopia!

FIM.

NOTAS.

(1) Em tempo dos Romanos foi chamada o Promontorio da Lua, d'onde o Principe dos Poetas Portuguezes veio a dizer:

E nas Serras da Lua conhecidas,
Sobjuga a fria Cintra o duro braço:

Teve este nome depois que Druso Valerio Celiano, Sacerdote, e os Varões do Governo, Quinto Julio Saturnino, Quinto Valerio, e Antonino, erigírão ali um Templo ao Sol, e á Lua pela conservação do Imperio Romano, e prosperidade dos Imperadores, Cesar Septimo Severo Augusto Pio, e de seu filho Cesar Marco Aurelio Antonino Augusto Pio, e tambem de Julia Augusta, mãi de Cesar.

Resende, liv. 1. Morales liv. 9. cap. 41, e Brito liv. 5. cap. 15. E como a Lua, segundo a philosophia gentilica, se denominava Cynthia, se derivou d'ella o nome de Cintra, como diz o insigne Jurisconsulto, e Poeta, Gabriel Pereira de Castro:

De Cynthia tomou Cintra celebrada
O nome, que em rochedos é famosa.
Cant. 5.º *oit.* 91.

ElRei D. Affonso, o VI. de Castella, a conquistou aos Mouros pelos annos de 1093; tornou-se a perder, e a restaurou o Conde D. Henrique de Borgonha pelos annos de 1109; e no de 1147 a reedificou de novo ElRei D. Affonso Henriques, seu filho. Foi cabeça de Condado, no tempo do *effeminado* D. Fer-

nando 1.°, que deu o titulo a D. Henrique Manoel de Vilhena, o qual no acto da acclamação da Infanta D. Beatriz (depois da morte d'ElRei seu Pai, no anno de 1383, que não foi reconhecida Rainha pelos Portuguezes) levou a bandeira Real, porque era tio d'ElRei defunto, por parte da Rainha sua mãi.

Foi sempre antigamente cabeça de Concelho, presidido por Juiz de Fóra, sujeito ao Corregedor da Comarca de Alanquer, e Provedoria de Torres Vedras; hoje porém ao districto administrativo de Lisboa, e julgado de que esta Villa é cabeça. ElRei D. Manoel lhe deo Foral no anno de 1519. Donatarias, as Fidelissimas Rainhas, desde a Rainha Santa Isabel. Gozava de voto em Côrtes, com assento no banco 6.°: tem por Armas um Castello com tres torres; e tinha Capitão môr, que governava as Ordenanças de Cintra, e Collares.

(2) Voltando ElRei D. Affonso IV de Cintra para Lisboa, a primeira vez que chamou á Côrte os seus Ministros, para conferir com elles certas emergencias, que pedião prompta expedição, juntos, começou a referir-lhes alguns successos da caça dos dias precedentes. Attendêrão um pouco, e logo D. Febus Moniz Lusignano, que em annos, e authoridade precedia aos mais, com zelo, e liberdade só daquelles tempos, lhe disse: Senhor, Deos não hade pedir contas a Vossa Senhoria (o Infante D. Pedro, e Duque de Coimbra, sendo Regente do Reino na minoridade de seu sobrinho, ElRei D. Affonso V., foi quem introduzio chamarem-se os Reis de Portugal, por Alteza, que, até ao anno de 1438, o maior titulo que se lhes tributava, era o de Senhoria) das féras, que matou, ou deixou de matar no monte, se não das honras, das vidas, das fazendas dos Vassalos, que entregou a Vossa Senhoria, como a Rei, como a Juiz, como a Pai, senão!..... ElRei picado desta palavra, lhe respondeu colerico: senão que? Replicou D. Febus no mes-

mo tom : buscaremos um Rei que nos governe ! ! ! Aqui perdeo D. Affonso a paciencia ; e depois de mostrar a sua indignação com termos durissimos, sahio para fóra transportado de colera ; mas pouco depois tornou a entrar para a conferencia, desagastado, e tranquillo, e lhe disse : Tenho cahido na verdade, do que me dissestes : quem não quer governar como Rei, não póde ter Vassalos por muito tempo. Lembre-vos que de hoje em diante me achareis, não D. Affonso caçador, mas D. Affonso Rei de Portugal. E firme nesta prudentissima idea, nem despresou o dictame, nem se esqueceo do Ministro ; e d'ali em diante manteve largos annos o Reino em abundancia, e justiça, ainda que escureceo grande parte do seu nome, consentindo na cruel morte de D. Ignez de Castro.

. . . . . Caso triste, e digno da memoria.

(3) De lá trouxe dos Paços de Calabençaila, Senhor de Ceuta, doze columnas de jaspe, para trofeo da victoria, que deu ao celebre Mosteiro de Santa Catharina da Carnota (que foi dos Padres Capuchos Antoninos, fundado, pelos annos de 1408, por Fr. Diogo Arias, natural de Asturias, e seu companheiro Fr. Affonso Saco, nos limites da Villa de Alanquer) sobre as quaes se armárão os arcos do claustro ; e muitas, das que estão nestes Paços de Cintra, forão imitadas por ellas, a que dão muito apreço os estimadores das artes.

(4) Pela razão de que os pequenos arcos, collocados no centro das janellas deste Paço, fazem a muitos parecer de mais remota idade : as suas voltas pertencem, sem duvida, á architectura arabe, ou antes mourisca, e a separação das pequenas columnas, sobre que descanção, lhes dá igualmente um cunho mourisco ; assim como na parte que corôa o entabla-

mento é evidente o estilo tambem mourisco; visto que ElRei D. João 1.º, no principio do seculo 15.º, quando as artes fóra da Italia começavão apenas a ser conhecidas, foi quem reedificou este Palacio, segundo o gosto usado até áquelles tempos.

As janellas erão todas guarnecidas com vidraças, onde se mostrava uma especie de illuminação, ou pintura de vivas e finissimas côres, em que se vião representados os escudos das Armas, emblemas, e divisas dos Reis, D. João 1.º, e D. Manoel; e outros muitos ornatos de capricho, que facilmente se concebia serem taes desenhos entranhados na massa do proprio vidro: hoje achão-se suppridas com vidros ordinarios.

(5) A agua que corre a elle não é boa, por haver passado, quando ali chega, pelas raizes de varias arvores; a qual produz dôres no estomago, a muitas pessoas.

(6) Esta Guarda foi instituida em Portugal por ElRei D. João 2.º do nome, XIII. entre os Reis Portuguezes, chamado geralmente o Principe *Perfeito.*

(7) Pelo terremoto do 1.º de Novembro do anno de 1755 soffreu este Palacio grave ruina, e com especialidade esta sala, a qual foi reparada por ordem d'ElRei D. José; deteriorando-se por esta occasião muito da sua antiga architectura: como ainda se póde vêr pela planta tirada por Duarte d'Armas, Creado debuxador de ElRei D. Manoel, que floresceu pelos annos de 1507.

(8) O Conselho d'Estado em Portugal foi instituido por ElRei D. Sebastião, em 8 de Setembro do anno de 1569, ao modo do que em Castella erigíra seu avô, o Imperador Carlos 5.º.

(9) ElRei D. Sebastião gostava de residir nestes Paços de Cintra, porque se dava ao exercicio da caça, de que era summamente apaixonado. No mez de

Junho de 1578 estavão os Tribunaes da Côrte neste sitio: então convocou para este gabinete o Conselho d'Estado, e chegando á porta bipartida lhe fallou em pé, e lhe fez uma pratica bem estudada, em que se esforçou a persuadir grandes conveniencias da sua 2.ª jornada a Africa, e concluio dizendo: Que não lhe pedia, nem queria conselho, sobre aquella materia, e que só lhe quizera dar parte da sua resolução; e sem esperar resposta, se retirou, e deixou os Conselheiros absortos em profundo silencio, e opprimidos de justissima dôr. No outro dia perguntou a D. Manoel de Menezes, Bispo de Coimbra, que lhe parecêra a pratica do dia precedente? E o Bispo lhe respondeu: *Que bem parecia cousa de sua Alteza, mas que fôra muito dilatada nos argumentos*; dando-lhe a entender, que tivera muito mais de persuasão, que de proposta. Passados alguns dias, sahio destes Paços de Cintra no dia 15 com o pretexto de chegar a Lisboa, afim de vêr acabada de construir, no Terreiro do Paço, uma galé Real. Tanto que ahi chegou, se embarcou na mesma para o sitio de Belem, e não tornou mais ao Palacio: esteve embarcado onze dias, para com o seu exemplo, e apertadas ordens se ajuntar a gente, e se conduzirem armas, e munições; até que no dia 24 do mez e anno já referidos de 1578, largando as velas ao vento, acompanhado da primeira, e mais selecta nobreza de Portugal, e com a mais luzida armada, que até então se havia recolhido no Tejo, entre vivas, e acclamações de infinito povo, e repetidas salvas de artilheria das torres, e da armada, sahio para Africa, deixando o amado e saudoso Tejo, para não tornar mais a elle.

Aquelles sós direi, que aventuraram
Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
Tambem de suas obras merecida.

(10) Symbolo de bondade, e de graças.

(11) Pelos annos de 1515 enviou o Papa Leão X, de presente a ElRei D. Manoel, estas pedras de guarnição de chaminé, que elle mandou collocar no Palacio de Almeirim, que foi fundação sua (em o qual celebrou Côrtes no anno de 1579 ElRei D. Henrique, que o Papa Paulo 3.º creou Cardeal a 16 de Dezembro de 1545, do titulo dos Santos Quatro Coroados, tratando da successão do Reino; e foi Procurador a ellas, por Lisboa, Affonso de Albuquerque, professor de Direito civil, e patrono de causas forenses, mais affecto ás injustas pertenções de Castella, do que defensor da indubitavel justiça da sua patria; imprimio a obra: *Jus Philippi ad Regiam Lusit. Coronam*, a que deo motivo o debate sobre a successão da Corôa de Portugal, pela morte do Cardeal Rei); e no reinado d'ElRei D. José, o Marquez de Pombal, sabendo que nas ruinas d'aquelle Palacio existião as mandou d'ali buscar para guarnecerem a chaminé deste Camarim.

(12) A razão de ser divisa dos Infantes, é porque antigamente neste Reino não se assentavão em cadeiras se não ElRei, e o Principe, e os Infantes em bancos, nas Côrtes, e nos autos publicos, e o tomárão por divisa, em signal da precedencia, que fazião aos mais Senhores, e nobreza do Reino. E ainda entre os Principes, e Infantes havia differença, porque os Principes usavão o banco simplesmente sem mais divisa, e com dois pés; e os Infantes com tres, e encostados nelles uns quadros de Armas.

(13) Para o que as mandou descobrir pelos archivos, capellas, e sepulturas. E como tambem mandou fazer um Livro da mesma materia, polidamente illuminado, que se guarda na Torre do Tombo, ainda que está imperfeito, e faltão nelle as Armas de muitas Familias; porque tambem nos Reis seus successores faltou este cuidado, e não se continuou este zelo. O Ar-

chivo Real, ou Cartorio de todo o Reino, chamado Torre do Tombo, (onde se conservão, e guardão as Doações, Leis, Privilegios, e tudo que costumão os Reis mandar passar pela Chancellaria do Reino, para memoria dos vindouros) foi antigamente dentro do Castello de S. Jorge de Lisboa; e porque o edificio antigo ficou destruido, aberto, e prostrado pelo espantoso terremoto de 1755, ElRei D. José, fez com que em 26, e 27 de Agosto de 1757, por Decreto, se mudasse todo o Cartorio da Torre do Tombo para dois quartos das casas, chamadas dos Bispos, contiguas ao Convento de S. Bento da Saude, e com serventia para a rua, ou calçada publica da Estrella. Consta esta accomodação de primeiro, e segundo pavimento alto, e baixo, ambos fechados de excellentes abobadas sem o receio do perigo de fogo; destinando-se o quarto alto para recolher os Livros das Chancellarias em casas separadas, ficando outros para se guardarem aquelles Livros, e documentos, que na antiga Torre estavão na casa, chamada da Corôa; e o quarto baixo fica para nelle escreverem os Officiaes deste expediente.

(14) As Côrtes, que se havião juntado no mez de Janeiro de 1668, antes de se separarem, (foi Procurador de Lisboa a ellas o Marquez de Marialva) determinárão ser conveniente ao estado do Reino, á segurança do Regente, e tranquillidade publica, não se dar liberdade a ElRei D. Affonso 6.º; mas não proposerão ao Regente os meios de ter ElRei seguro; porque ambos erão irmãos. Todavia era difficil tê-lo recluso em Lisboa; e concorrião a este respeito circumstancias pesadas a ambos. Emfim o Principe se resolveo a enviar seu Irmão D. Affonso 6.º a um logar, onde vivesse mais a seu gosto, e estivesse juntamente a recado.

Sabendo o Regente que ElRei desejava ir para Villa Viçosa, lhe mandou dizer, que a Ilha de Angra era bom sitio, e sadio, onde sua Magestade po-

dia fazer exercicio. Acceitou ElRei com boa vontade a offerta. Para este fim preparou-se um navio para ElRei, e uma esquadra, que o escoltasse, ás ordens do Conde do Prado, que estava nomeado Embaixador junto á Santa Sée. Nomearão-se para acompanhar S. Magestade pessoas de distincção; mas teve-se em segredo o logar, para onde o transportavão. Isto despertou a curiosidade do povo de Lisboa, que entrou a affectar inquietações, e, como todos dizião então livremente, o que entendião, houve quem clamou, que bastava tirarem-lhe a Corôa, e a mulher; mas que era chegar com as cousas ao ultimo excesso desterrar para Guiné um Rei de Portugal. O Regente, que nunca se lembrou de tal, picou-se muito d'estes rumores, e escreveo ás Côrtes extrangeiras uma Carta, que é a seguinte: » Desejando eu muito dar a meu » irmão mais liberdade, e commodidades, das que os » tres Estados do Reino julgárão que se lhe devião » dar; e sabendo o muito, que elle deseja residir on- » de possa fazer exercicio, e gozar de todos os praze- » res do campo, sem inquitação, nem prisão, fui » obrigado a considerar, que, se o remettesse para » algum logar remoto do Reino, elle daria infallivel- » mente causa a se renovarem as queixas, que se fi- » zerão no principio do seu Reinado, e que, em ra- » zão da sua indole, andaria a sua pessoa a todos os » instantes exposta a perigos.

» Querendo pois achar um meio, pelo qual, sem » expôr a risco a sua pessoa, nem a sua dignidade, » possa ElRei gozar dos divertimentos que natural- » mente ama, resolvi, com muito gosto seu, que fos- » se para a Ilha Terceira, tanto porque está debaixo » do mesmo clima, como porque, a juizo dos Medi- » cos, a mudança de ares será muito proveitosa a » suas infirmidades naturaes.

» Além disto a Ilha em si é mui apprazivel, e » propria para a caça, abundante de tudo o que é

» necessario e commodo á vida: e ficará á escolha dos
» Fidalgos, que o acompanhão, residir ElRei na Vil-
» la da Praia, ou na de Angra, ou no Real Castello
» de S. Filippe, com tanto que o logar escolhido se-
» ja conveniente a seus divertimentos, e conforme a
» seu gosto. E para que faça esta viagem com segu-
» rança, e com o decoro devido á Magestade, encar-
» regámos o Conde do Prado, nosso Embaixador em
» Roma, que o acompanhe com uma esquadra, jun-
» tamente com o Conde de Atalaya, D. João de Sou-
» za, nosso Mordomo mór, D. Luiz da Silveira, Mi-
» guel Carlos de Tavora, e muitos outros Fidalgos,
» e Cavalleiros, com applauso e consentimento geral de
» toda a Nação. Disto me pareceo conveniente infor-
» mar-vos, para que sabendo da minha resolução, e
» da rectidão de minhas intenções, as communiqueis
» ás Côrtes, onde residis, para que este negocio se
» exponha nas Gazetas, e papeis publicos, com ver-
» dade e decencia. Dada em Lisboa, aos 25 de Maio
» de 1669. »

Tratou logo o Regente de nomear, para ficar no Castello da Ilha com D. Affonso 6.º, a Francisco de Brito Freire; acceitando este a mercê, agradecendo-lhe a confiança que delle fazia, pois lhe entregava a pessoa d'ElRei, da qual jurou homenagem nas mãos do Principe: (forão testemunhas o Duque de Cadaval, e D. Rodrigo de Menezes) sendo na mesma occasião nomeado Almirante da esquadra, e Conselheiro de Guerra. Embarcado tudo na vespera em que ElRei havia de partir, succedeo o seguinte caso: foi Francisco de Brito Freire ao Noviciado dos Religiosos Jesuitas de Nossa Senhora da Assumpção, no sitio da Cotovia, fundado em 23 de Abril de 1603, (hoje Collegio dos Nobres) pedir lhe lançassem a roupeta da Ordem; porém não o quiz acceitar o Geral: sendo disto sabedor o Regente, o mandou prender, privando-o dos postos, empregos, e honras de Fidalgo: este ac-

cidente embaraçou muito a execução do que se tinha determinado.

Foi immediatamente nomeado Mancel Nunes Leitão, Mestre de campo de um terço da Provincia do Minho, para acompanhar ElRei, e governar o Castello, e toda a casa de S. Magestade; e o promoveo a Sargento mór de Batalha.

Partio a armada dias depois, pelas tres horas da madrugada, sem haver salvas (o que assim se havia determinado ás Torres, e aos navios), e ajudada de prosperos ventos chegou depressa á Ilha, onde ElRei desembarcou de noite, e entrou para o Castello sem o saberem aquelles moradores, segundo as ordens que levava o Conde do Prado, o qual, depois de as fazer executar, seguio viagem para Roma.

Em Setembro de 1674, estando a Côrte nos banhos de Obidos, se descobrio uma horrivel, e infame conspiração, cujo fim, ou ao menos pretexto, era repôr no Throno ElRei D. Affonso 6.º, dando-se morte ao Regente, a sua mulher, e á Infanta; mas pagárão com a vida os authores della, sendo executados na Praça do Rocio de Lisboa: não ficando livre de suspeitas de que tivera parte naquella aleivosia o Conde Humanes, Embaixador de Hespanha em Portugal; donde se originou grande desabrimento entre as duas Côrtes.

Mandou logo Sua Alteza buscar ElRei, seu irmão, dando por motivo, que era lá maltratado; e prompta a armada, que costumava cruzar na Costa, ordenou ao Almirante della, Pedro Jaques de Magalhães, fizesse um bordo sobre aquella Ilha, e a Manoel Nunes Leitão embarcasse com ElRei, e viesse a Náo dar fundo em Paço d'Arcos; o que tudo assim executado, com aviso de Pedro Jaques de Magalhães determinou Sua Alteza a Francisco Corrêa, seu Secretario d'Estado, a Roque Monteiro Paim, e a José da Fonseca que dispuzessem o desembarque de Sua Magesta-

de; e desembarcado ElRei, e mettido em uma liteira, foi conduzido ao Palacio de Cintra. Chegou ali pela meia noite, e logo foi recluso pelo Duque de Cadaval, D. Nuno Alvares Pereira, nesta Casa, por ordem do Principe Regente; o qual tinha todo o cuidado em que a ElRei não faltasse cousa alguma, do que houvesse mister, e lhe nomeou para Governador de sua casa neste Palacio de Cintra, durante a sua vida, a Francisco Ferram de Castello-Branco, que era Commissario Geral da Cavallaria, Capitão mór das Náos da India (tão perito na lingoa Franceza, que della verteo na materna, entre outras obras: *Methodo para comprehender a Historia dos Papas, que contém o que se passou de mais particular em seus Pontificados.* Lisboa: por Miguel Manescal. 1719 8.º); o que muitas vezes tambem mandava averiguar pelo Duque de Cadaval, que igualmente para sua assistencia, e fazer este exame tinha quarto prompto neste Paço de Cintra. Em todo o tempo que ali viveo, conservou uma Guarda de 300 Infantes, commandados por um Sargento mór, e uma guarda a cavallo: esta todos os mezes se rendia.

(15) Este foi a quem ElRei D. João 5.º commetteo o exame do sitio, em que se edificou o Real Convento de Mafra; que era seu creado muito antigo, pois tinha servido a ElRei D. Affonso 6.º, e D. Pedro 2.º, seu augusto Pai, e de quem fazia muita confiança.

(16) Ambos o hião vêr no alto da Serra, que fica fronteira á janella; aonde se explicavão por acenos a ElRei, já que de outro modo o não podião fazer. — A amizade, se é verdadeira, dura sempre! —

(17) Viveo ElRei D. Affonso 6.º, a quem chamárão o *Victorioso*, nesta casa, nove annos, e no dia 12 de Setembro do anno de 1683, pela madrugada, principiou a gritar, para que o vestissem, porque queria ir ouvir Missa: pareceo a todos estranho, por não ser

costumado áquella devoção todos os dias. Vestírão-o, e foi para a tribuna; e estando ouvindo a Missa, e o Sacerdote para consagrar, entrou ElRei a anciar-se; e dizendo-lhe alguns creados que Sua Magestade se devia recolher, lhes respondeo, que queria adorar a Deos; chamárão logo o Medico, e pertendendo este leva-lo para a cama, não quiz consentir, e começou em altas vozes, a dizer: » Eu vou primeiro, mas a Rainha me seguirá logo a dar conta ante o Tribunal mais terrivel dos males que me fez: Senhor, perdoai-me meus peccado: » repetindo o mesmo muitas vezes, com cujas expressões se edificárão os que o acompanhavão: antes de acabada a Missa, crescêrão as ancias; e então conduzido á cama, chegou a elle o confessor: logo que ElRei o vio, o chamou para junto de si com algum socego nas ancias, dizendo-lhe: venha cá meu Padre, e amigo fixo (palavra de que ElRei costumava usar), dê-me a sua mão. Perguntou-lhe o Confessor se se queria confessar, e ElRei lhe disse que sim; mas tornando a augmentarem-se-lhe mais as ancias, lhe disse, que não o podia fazer, e apertando muito a mão ao Padre, lhe lançou este a absolvição, e logo ficou muribundo; e repetindo-lhe o Confessor que, se queria que de novo o absolvesse, lhe apertasse outra vez a mão, o tornou a fazer, e logo que lhe lançou a absolvição, espirou; em idade de 40 annos, dos quaes 11 de reinado, e 16 recluso. Jaz no Real Mosteiro de Belém, na Capella mór, debaixo da base do Sacrario: acompanhando-o ainda até á sepultura a sua antiga felicidade, pois no mesmo tempo em que caminhava a pompa funeral, entrárão pelo Tejo as frotas d'America com duas náos da India, que se julgavão perdidas, cheias de riquissimos thesouros. Casou em 2 de Agosto de 1666 com D. Maria Francisca Isabel de Saboia, filha dos Duques de Nemours e de Aumale, cujo casamento se annulou por sentença de 24 de

Março do anno de 1668, e em consequencia da proposta, que a esta Princeza fez uma Deputação dos tres Estados do Reino, veio a casar com o Principe Regente D. Pedro, e se recebêrão a 2 de Abril de 1668, em uma quarta feira da ultima semana da Quaresma. E quando, no dia da primeira oitava da Pascoa, o mesmo Principe foi buscar sua Augusta Espoza ao Convento da Esperança, a que se tinha retirado, a levou com a maior pompa, e Regia magnificencia para o Paço d'Alcantara; e se derão por tal motivo salvas nas Fortalezas, e embarcações de guerra. Perguntou ElRei D. Affonso 6.º, que feliz successo dava occasião a tantas demonstrações de prazer? E quando lhe disserão o motivo, ficou aturdido com a noticia.

Os circumstantes porém ficárão admirados, quando ElRei lhes deu a razão do que nelle vião, que era em vez de se queixar, mostrar-se mui sentido da sorte de seu irmão, dizendo: que o Principe se enfadaria bem de a soffrer, e que logo se arrependeria, como a elle lhe acontecêra, de ter o menor trato com ella. Com tudo, depois de meditar um pouco sobre este acontecimento, praticou a extraordinaria acção de mandar dar ao Regente o parabem do seu casamento.

A Rainha veio a fallecer aos 27 de Dezembro do mesmo anno de 1683, com 37 annos, seis mezes, e seis dias de idade, no Palacio de Palhavã, junto a Lisboa. Jaz na Capella mór do Convento do Crucifixo em Lisboa, que ella havia fundado pelos annos de 1667 para as Religiosas Capuchas, chamadas Francezas, da primeira Regra de Santa Clara, que tinhão vindo em sua companhia da Cidade de Pariz, quando a Portugal apportou em 2 de Agosto de 1666.

E terminando estas Notas, accrescentaremos, que foi neste Paço de Cintra onde nasceo, a 11 de Maio

de 1672, a Sor Magdalena da Gloria, que muito illustrou com as suas letras, e virtudes esta Villa: forão seus nobres progenitores, Henrique Carvalho de Souza, Provedor das Obras do Paço, no reinado d'El-Rei D. Affonso 6.º, e D. Helena de Tavora. Na primavera da vida (aos 16 annos de idade), obedecendo á divina vocação, despresou heroicamente o amor, e casa paterna, ausentando-se della para o Convento de N. Senhora da Esperança de Lisboa (fundado por D. Isabel de Mendanha, Fidalga illustre, no anno de 1530), no qual professou a 25 de Março de 1688. Foi notavel escriptora; e muito se admira a belleza do estilo, sublimidade de juizo, ternura de affectos, e affluencia de pensamentos discretos, que bem se manifestão nas suas Obras, publicadas nos annos de 1733, 34, e 36, em Lisboa, com o nome de Leonarda Gil da Gama, puro anagrama do seu nome. Podendo bem applicar-se-lhe o que disse a celebre Poetiza, Sor Violante do Ceo, Religiosa Dominica no Convento da Rosa de Lisboa (fundado no anno de 1519 por Luiz de Brito, e sua segunda mulher, D. Joanna de Ataide):

Vosso saber profundo,
Portentoso exemplar de todo o mundo;
Vossa agudeza rara,
Delicia do discurso, altiva, e clara;
Vosso estilo famoso,
Agradavel motivo do invejoso;
Emfim, vosso juizo soberano,
Credito do divino, honra do humano.

Rimas, a pag. 74.

Finda aos 17 de Setembro de 1838 em Lisboa, dia (1598) em que morreo D. Filippe 1.º de Portugal, e 2.º de Castella, com 71 annos de idade, 18

depois de ter usurpado a Corôa de Portugal, e 43 de Rei de Hespanha. Dia (1688) no qual falleceo o Principe D. João, primogenito dos Reis, D. Pedro 2.º, e D. Maria Sofia Isabel, Princeza Palatina de Neoburg. Dia (1552) em que tambem valorosamente defendêrão os Portuguezes a Fortaleza de Ormuz; em memoria do que se conserva imbebido n'uma das paredes do atrio do Mosteiro de Odivellas, das Religiosas Bernardas (fundado por ElRei D. Diniz, em 27 de Fevereiro de 1295), um pelouro, daquelles com que os Turcos a combatêrão.

Por ultimo, quando nos notem alguns defeitos nesta, responderemos como Plinio: *Que não ha tão máo livro, que delle se não tire alguma utilidade*; que foi o que tambem disse Marcial.

Sunt bona, sunt quædam, sunt mala plura,
Quæ legis: hic aliter non sit Avite liber.

São 6 horas da tarde, e o Sol já se nos occultou, e vamos ouvindo, que

De recolher o sino
Dobra, e resôa o despedir do dia. *

---

* The curfew tolls the knell of parting day.
Gray.

FIM DAS NOTAS, E DA OBRA.

DECLARAÇÃO.

Tendo-se dado ao prelo esta pequena Obra por concessão de seu Author, por acaso se imprimírão algumas palavras, (por formarem sentido perfeito) que se achavão trancadas no manuscripto, e outras trocadas; porem chegando ás mãos do mesmo Author, depois de estampada, este notou, que equivocadamente se inserírão cousas, que elle havia cortado; sendo, entre outras, mais salientes as seguintes, que rectificamos:

Pag. 14, lin. 31 — Filippe 2.º, o *Bom* — leia-se — Filippe, o *Bom*; e o mesmo a pag. 15, lin. 11.

Pag. 15, lin. 20 — em logar da palavra carmezim — leia-se — amarello.

Pag. 17, lin. 15 — Arthur Vellesley — leia-se Sir John Dalrymple, em 30 de Agosto de 1808.

Pag. 21, lin. 19 — do Castello Real de S. Filippe — leia-se — da Ilha d'Angra.

Pag. 32, lin. 29 — occasião — leia-se logo depois — elevado á dignidade de Visconde, e Governador perpetuo da mesma Ilha, em 24 de Maio de 1669; (escreveu varias obras, e entre ellas — *Relação da viagem que fez ao Brasil a Armada da Companhia: anno de* 1655. Lisboa: por Henrique Valentim de Oliveira, 1657. 12.) e Almirante &c.

91-B7549